ARTIGO

IGOR SANT'ANNA
Graduando em Comunicação Social na Universidade Veiga de Almeida (UVA)

Atualmente, é muito comum encontrar as narrativas, formas discursivas que desenvolvem as representações sociais, sobre a favela e seus habitantes nos meios de comunicação de massa, mas, geralmente, essas narrativas pertencem apenas às pessoas que não vivem na favela. Ou seja, os meios de comunicação, aqueles que atingem a um grande público e um dos maiores formadores das representações sociais da contemporaneidade, reapresentam o sujeito social, reconstroem seus espaços e sua cultura através das imagens e narrativas construídas por diretores que não vivem na favela e a representam a sua maneira.

As formas de representar a favela e seus moradores apresentadas pelos meios de comunicação de massa, geralmente, são referências de pessoas que não vivem nesses territórios para um público que também não conhece esses locais. Por isso, as consequências dessa construção da realidade não se restringe apenas ao plano imaginário: nos últimos 35 anos, as representações midiáticas associaram a favela e o subúrbio a causa da violência nas cidades e, por isso, a sociedade passou a naturalizar a violência sofrida pelo morador e a culpa-lo, mesmo quando ele é uma Vítima.

As representações sociais podem ser construídas e re-construídas: os indivíduos, aqueles que são resultados de um processo de socialização, são os autores destas construções e, também, têm o poder de transforma-las. Deste modo, torna-se importante que os moradores da favela e do subúrbio tenham condições de se autorrepresentar, representar seu território e sua cultura através dos meios de comunicação. O filme 5x Favela – Agora por Nós Mesmos (2010), por exemplo, foi dirigido por jovens moradores da favela, reunidos pelo cineasta Cacá Diegues. Este filme torna-se importante porque um diretor renomado possibilitou que jovens oriundos das favelas contassem suas histórias em veículos de comunicação de massa e abriu um espaço, ainda raro, para que a expressão dessas pessoas chegasse a um grande público.

A visão desses novos diretores (Cacau Amaral, Cadu Barcellos, Luciana Bezerra, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha e Wagner Novais) pôde ser apresentada graças às oficinas de audiovisual que obtiveram apoio da Central Única de Favelas (CUFA), na Cidade de Deus, do Grupo Nós do Morro, no Vidigal, do Observatório de Favelas, no Complexo da Maré, do Grupo Cultural AfroReggae, em Parada de Lucas e do Cinemaneiro/Cidadela, na Linha Amarela. Além de possibilitar a autorrepresentação de jovens e adolescentes moradores das favelas cariocas, o projeto - e, principalmente, as oficinas - possibilitou a participação e protagonismo dos moradores na construção da memória do seu próprio território.

Por fim, é democrático ter diferentes visões sobre a favela circulando nos veículos de comunicação e a democracia será aprimorada a partir da criação de disputas justas entre aqueles que representam a favela por observa-la de fora e a autorrepresentação das pessoas que vivem nesses locais. No entanto, atualmente, se medirmos o nível da democratização da comunicação brasileira a partir da quantidade de vozes e opiniões divergentes, perceberemos que ao invés de conhecimento emancipador às formadas de dominação, a comunicação está atrelada a ordem social dominante e concluiremos que os meios de comunicação de massa são conglomerados de mídias que exercem o controle sobre a propagação de narrativas e imagens que constroem imaginários e identidades que corresponderão, ou não, à realidade.

Quer participar você também do Boletim do Meio Ambiente?

Escreva sua matéria, artigo ou Coluna e nos envie pela nossa página do Facebook:

facebook.com/BoletimMeioAmbiente